



MARIA HELENA VARGAS DA SILVEIRA: A INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO E RAÇA NO LIVRO “É Fogo!”

Cristina Gamino Gomes Tonial¹
Maria Angelica Zubaran²
Rodrigo Lemos Simões³

Resumo

O presente estudo analisa a interseccionalidade entre gênero e raça nas narrativas autobiográficas da escritora negra Maria Helena Vargas da Silveira, no seu primeiro livro, “É Fogo!”, publicado em 1987. O objetivo da análise é problematizar como narradora e personagem principal reconstruem suas experiências e lugar de fala, salientando a interseccionalidade entre gênero e raça, na perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, conforme Stuart Hall, Kia Lilly Caldwell, Guacira Louro, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro. As narrativas autobiográficas são entendidas conforme Philippe Lejeune e Jorge Larrosa. Pretende-se, assim, dar visibilidade e problematizar às escritas de mulheres negras, historicamente silenciadas e desautorizadas nas narrativas hegemônicas.

Palavras-chave: Narrativas autobiográficas. Interseccionalidade. Gênero. Raça.

O presente estudo busca mapear, discutir e problematizar a interseccionalidade de gênero e raça nas narrativas autobiográficas da escritora e professora negra Maria Helena Vargas da Silveira⁴, no seu livro “É Fogo!”. Pretende-se inicialmente discutir o entendimento sobre o gênero das narrativas autobiográficas e, num segundo momento, problematizar a interseccionalidade das categorias de raça e de gênero nas suas narrativas autobiográficas, tanto na forma como constrói sua própria identidade, assim como, nas representações que produz de outras mulheres que marcaram a sua trajetória e experiências de vida.

De acordo com Phillippe Lejeune (2014, p.16), narrativa autobiográfica é “[...] a retrospectiva em prosa, que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua

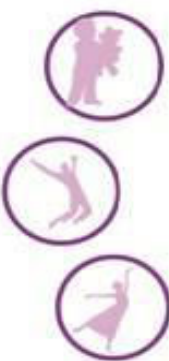
¹ Mestranda em Educação, Universidade Luterana do Brasil, tonial.ulbra@gmail.com

² Doutora em História, Universidade Luterana do Brasil, angelicazubaran@yahoo.com.br

³ Doutor em História, Universidade Luterana do Brasil, rlsimoes.71@gmail.com

⁴ Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009), professora, escritora e poetisa negra nasceu em Pelotas em 1940 e faleceu em Brasília em 2009. Durante sua vida publicou nove livros: *É Fogo* (1987), *Meu Nome Pessoa: Três Momentos de Poesia* (1989), *O Sol de Fevereiro* (1991), *Odara: Fantasia e Realidade* (1993), *Negrada* (1994), *Tipuana* (1997), *O Encontro* (2000), *As filhas das lavadeiras* (2002) e *Helena do Sul. Rota Existencial* (2007).



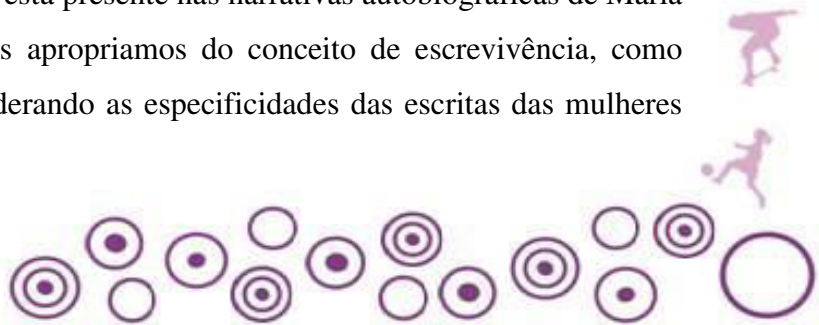



história individual”. Segundo o autor, para que haja autobiografia é necessário que haja uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. A identidade do narrador e do personagem na autobiografia é, na maior parte das vezes, marcada pelo emprego da primeira pessoa. Entretanto, pode haver identidade do narrador e do personagem principal também no caso da narrativa “em terceira pessoa”, mesmo se o narrador permanecer implícito (LEJEUNE, 2014, p. 19). As narrativas em prosa do livro “É Fogo!”, de Maria Helena Vargas da Silveira, enquadram-se nesses casos em que a personagem principal é designada no texto na terceira pessoa, pelo nome Maria, “gerada na doce Pelotas, a Princesa do Rio Grande”, mulher negra e pobre, que narra sua trajetória de formação como normalista e, posteriormente, suas experiências como docentes.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, Jorge Larrosa afirma que narrar-se “não é algo que se produza em um solilóquio/monólogo (...), mas um diálogo entre narrativas, entre textos” (p. 70). Portanto, pode-se pensar as narrativas autobiográficas como um “conjunto de procedimentos discursivos com os quais os indivíduos narram a si mesmos”. Larrosa argumenta que narrar-se é algo que vai se fabricando e inventando (p. 71), que vai se constituindo e tomando forma a partir do lugar que se narra. Portanto, segundo o autor, “a auto narração não é o lugar onde a subjetividade está depositada”, mas é a modalidade discursiva que estabelece tanto a posição do sujeito que fala (o narrador) quanto as regras se sua própria inserção no interior de uma trama.

Para análise das narrativas de mulheres negras, recorre-se ao conceito de escrevivências elaborado pela escritora negra Conceição Evaristo, no livro *Becos da Memória*. De acordo com Conceição Evaristo (2017), “na narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma escrevivência. Por isso busco a narração que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha (p. 11)”. Observa-se, portanto, a força da oralidade no conceito de escrevivências. Nessa perspectiva, conforme relata Iris Verena Oliveira (2017), as personagens de Evaristo narram dores, angústias, experiências de mulheres negras e conforme Evaristo “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Neste sentido, o conceito de escrevivência vem para incomodar e questionar as submissões naturalizadas de mulheres negras.

Esse componente de insubmissão está presente nas narrativas autobiográficas de Maria Helena da Silveira e, neste sentido, nos apropriamos do conceito de escrevivência, como forma de analisar suas narrativas, considerando as especificidades das escritas das mulheres





negras, particularmente, no que se refere às intersecções de representações de gênero e de raça no seu livro “É fogo!”.

Intersecções Entre Gênero e Raça

De acordo com a pensadora afro-americana Kimberlé Crenshaw (2002) “a interseccionalidade é um conceito e uma abordagem metodológica que possibilita aos sujeitos analisarem as várias realidades existentes entre os grupos sociais historicamente excluídos” (p.90). Nesta direção, Pacheco e Nogueira (2016) salientam que interseccionalidade é um conceito que permite analisar a diversidade e as desigualdades existentes entre sujeitos marcados no mínimo por dois ou mais eixos de opressão, sobretudo quando esses sujeitos são mulheres negras.

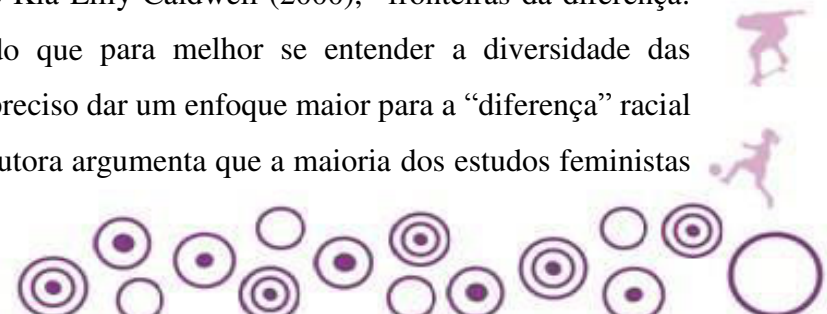
Na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, as noções de gênero e raça são entendidas enquanto construções sociais e culturais, históricas e contingentes, que não possuem significados naturais e estáveis em si mesmos e que contribuem na construção de subjetividades e identidades.

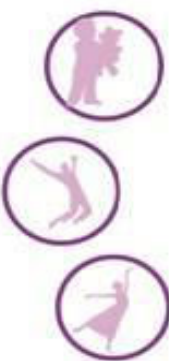
Guacira Louro (2007) argumenta que o conceito de gênero surgiu para desestabilizar e questionar “verdades”, que não são biológicas, mas inventadas e sustentadas por meio de discursos e representações que circulam na cultura cotidianamente e que impõem aos sujeitos certos rumos pré-estabelecidos socialmente, que vão sendo inscritos e naturalizados nos corpos como verdades biológicas.

Sobre o conceito de raça, Stuart Hall (2003) argumenta que “a categoria de raça é uma construção política e social”, “uma categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão”, que tenta justificar as desigualdades em termos de distinções genéticas e biológicas e que transforma a diferença racial em um “fato” fixo e científico (p. 69).

Nesta direção, Dagmar Meyer (2001) afirma que o conceito de raça está relacionado à produção de sentidos e critérios de pertencimento e se constitui como importante suporte de processos pelos quais se constroem fronteiras, que aproximam, separam e diferenciam grupos entre si, de forma a posicioná-los hierarquicamente, incluindo-os ou excluindo-os do acesso a privilégios simbólicos e materiais.

Por outro lado, estudos como de Kia Lilly Caldwell (2000), “fronteiras da diferença: raça e gênero no Brasil” têm sugerido que para melhor se entender a diversidade das experiências das mulheres brasileiras é preciso dar um enfoque maior para a “diferença” racial e para a relação entre raça e gênero. A autora argumenta que a maioria dos estudos feministas





brasileiros não reconheceu a importância da raça e das diferenças raciais na constituição do gênero e das identidades das mulheres brasileiras e propõe pensar a combinação do racismo e do machismo através de uma interseccionalidade de fatores de opressão, que articula a discriminação de gênero e de raça e que implica em genericar a raça e racializar o gênero.

Djamila Ribeiro, em seu livro, *O que é lugar de fala* (2017), argumenta que “uma mulher negra tem experiências distintas de uma mulher branca e vai experimentar gênero de outra forma” (p. 61). Há pautas convergentes entre as lutas das mulheres negras e brancas, mas as pautas divergentes são relevantes, daí a importância do lugar de fala das mulheres negras.


No que se refere às representações sobre raça, foi possível mapear-se nas narrativas autobiográficas da personagem Maria, denúncias de estereótipos, preconceitos e discriminações raciais, que marcaram a sua trajetória docente. A autora relata episódios ocorridos em uma visita à Delegacia de Ensino de Porto Alegre:

Quando chegava à porta já lhe indicavam rapidamente a sala das serventes. Maria sorria (...) e explicava que precisava de um visto para o plano pedagógico. A porteira levava um susto e acabava lhe indicando a entrada correta. Que barra! “Negro tem que ser servente do colégio, está predestinado a escravo, pelo menos pensavam assim as porteiras da delegacia de Ensino, que não recebem um treinamento de recepção onde esteja incluído: negro também pode ser professor, supervisor, orientador” qualquer coisa que não seja somente o trabalho braçal, com todo o respeito pela atividade manual, pelo trabalho duro (p. 129).

Neste sentido, a escritora Conceição Evaristo (2005), em seu estudo sobre representação e auto representação de mulheres negras na literatura brasileira, destaca que entre as representações mais recorrentes das mulheres negras na literatura estão as representações como empregadas domésticas e serventes, representações racializadas que ao circularem na cultura, acabam naturalizando as imagens subalternas e negativas das mulheres negras.

As representações sobre raça estão também vinculadas às construções de pertencimento étnico-racial da personagem Maria, que conta que quando chegou em São Lourenço do Sul, foi advertida de que “a cidade não gostava de negros” e descobriu mais tarde que “eram os professores negros que não se assumiam em sua negritude” (SILVEIRA, 1987, p.90), uma referência ao impacto do processo de branqueamento entre professores negros.





As representações sobre raça aparecem também vinculadas a questionamentos sobre a representatividade negra no ensino superior, até hoje um tema polêmico, discutido por Lélia Gonzalez, devido a persistente desigualdade de representação de negros nas Universidades brasileiras.

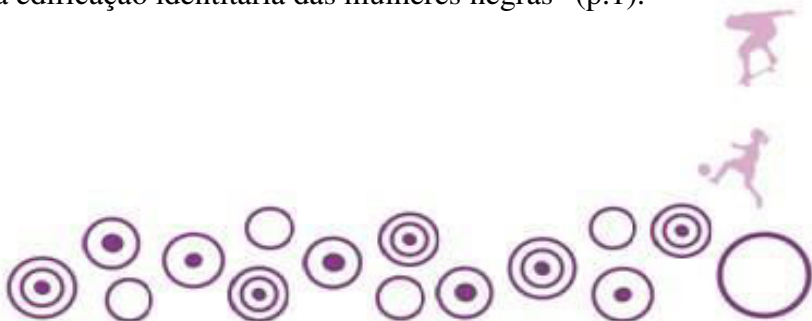
(...) ficava pensando nos manos. Porque só dois ou três pretos eram bichos? Onde estavam os outros? Era o mínimo de pretos para o total de brancos. Em realidade com continuava a escravidão. O que estava sendo negado aos manos? Quem sabe a coragem de ingressar numa faculdade tão cara que nem poderiam pagar assim como Maria que se muniu somente de coragem? Tinha a certeza de que só pagaria o curso depois que o terminasse, mas foi junto com aquela massa, querendo subir as escadas com as pernas bambas. Tinha que tentar (p.103).

As narrativas autobiográficas da personagem Maria denunciam também o racismo e o preconceito racial na educação sofridos por ela. Em 1977, no contexto da escola municipal em que trabalhava, no Morro da Cruz, ela relata: “delegada de ensino racista, diretor racista em pleno morro cheio de negros” e relata as práticas racistas acionadas pela diretoria da escola, contra ela, professora negra do Morro da Cruz.

Portanto, é como mulher negra e professora, que Maria traz para essa análise a especificidade de seu lugar de fala, que conforme argumenta Djamila Ribeiro, “rompe com o silêncio instituído para quem foi subalternizado” e, sobretudo, “nos faz refutar uma visão universal de mulher”. Ribeiro afirma a escrita das mulheres negras “parte de pontos diferentes e desiguais” (p.65), referindo-se ao alto índice de feminicídio de mulheres negras. A personagem Maria denuncia o feminicídio de uma colega professora do Morro da Cruz:

Neuza foi assassinada por um major da Aeronáutica, o marido machão até agora impune que estraçalhou a flor que perfumou a sua vida, deixando dois rebentos vivos, violentados, em piores condições de perda do que os alunos do morro pelos quais Neuza lutava (p.124).

Neste sentido, a interseccionalidade entre gênero e raça não pode mais ser uma temática subalterna, pois traduz as muitas discriminações sofridas pelas mulheres negras. Nesta perspectiva Mariane D’Oliveira e Maria Aparecida Santana Camargo (2013), argumentam que a interseccionalidade entre gênero e raça “é a problemática que perpassa a multiplicidade de questões concernentes à edificação identitária das mulheres negras” (p.1).



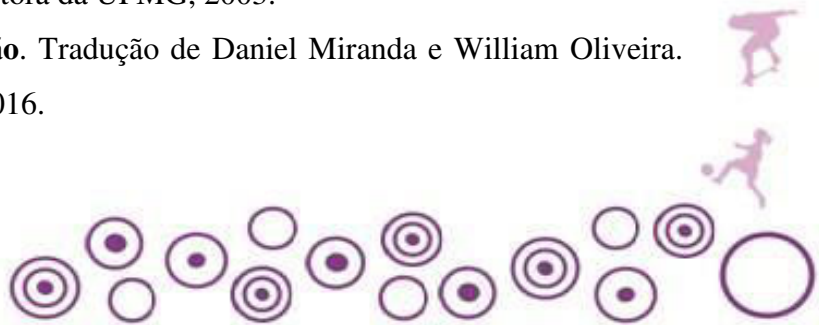


Considerações Finais

Pode-se concluir que as narrativas autobiográficas de escritoras negras, na direção apontada por outros estudos, estão marcadas e mediadas pelas categorias de gênero e raça, na forma como as escritoras negras se auto representam e como representam outras mulheres e narram suas identidades e lugar de fala.

No caso particular das narrativas autobiográficas da escritora e professora negra Maria Helena Vargas da Silveira, no livro *É Fogo!*, as categorias de gênero e raça aparecem atreladas às suas experiências e vivências como mulher negra e professora, que enfrenta o racismo e o sexismo em diferentes espaços sociais e que corajosamente os denuncia assumindo sua negritude e construindo uma narrativa que desafia e questiona a cultura hegemônica branca, elitista e androcêntrica.

Referências

- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da Diferença: Raça e Mulher no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, 2000.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, n. 1, p. 171-263, 2002.
- D'OLIVEIRA, Mariane; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. A Interseccionalidade entre gênero e raça para a construção étnico-identitária das mulheres negras. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO , 10, 2013, Florianópolis. **Anais...[Eletrônicos]**. Florianópolis, 2013
- EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nazilda Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs). **Mulheres do Mundo: Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa: UFPB, Ideia/Editora Universitária, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto representação da mulher negra brasileira na literatura. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 9-13, ago. 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Palas, 2017.
- GONZALES, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano. **Cadernos de Formação Política do Círculo Palmarino**, n. 1, p. 12-20, 2011.
- HALL, Stuart. A questão multicultural. In: SOVIK, Liv (Org). **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUCRIO, Apicuri, 2016.
- 



LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MEYER, Dagmar E. Etnia, raça e nação: o currículo e a construção de fronteiras e posições sociais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo.** Rio de Janeiro, RJ: DP&A. 2001. p. 69-84.

PACHECO, Ana Cláudia; NOGUEIRA, Martha Maria Brito. Mulher Negra: Interseccionando Gênero, Raça, Classe, Cultura e Educação. **Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 45, p. 89-99, jan./abr. 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O Que É Lugar De Fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. **É Fogo!** Porto Alegre: M. H. da Silveira, 1987.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

